

BC quer juros altos no mundo

EDNA SIMÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

O Banco Central (BC) está torcendo para que as principais economias do planeta adotem o reituário proposto pelo Banco de Compensações Internacionais (BIS, na sigla em inglês) e promovam uma alta dos juros para conter a disparada da inflação, segundo análise de economistas de mercado. Isso ajudaria a equipe econômica a valorizar o dólar frente ao real. Ao mesmo tempo, com uma desaceleração maior

da economia mundial, as pressões relacionadas ao aumento de preços se reduziriam.

No BIS, a avaliação é de que há um desequilíbrio em escala global entre a oferta e a demanda. Uma elevação de juros em economias expansionistas seria apropriada para ajustar essa conta. Porém, o impacto de uma política monetária restritiva seria mais eficaz se fosse efetivada por países que pressionam o valor das commodities para cima, como é o caso da China. "Analistas subestimaram o papel da demanda dos emergentes por

commodities", comentou um economista do governo. Antes, a alta do preço do petróleo não era considerada um risco porque a previsão era de que o valor cairia naturalmente com o menor crescimento da economia norte-americana. Esse cenário, no entanto, não se confirmou.

Na quinta-feira, o Banco Central Europeu (BCE) deve elevar os juros de 4% para 4,25% ao ano. Isso deve acontecer porque a inflação em 12 meses chegou a 4%, o dobro da meta oficial de 2%. A medida é bem-vinda, mas analistas reforçam que o efeito não será

significativo na diminuição dos preços das commodities no mercado internacional.

Para analistas, a expansão dos juros em economias desenvolvidas e até emergentes seria vantajosa para o Brasil porque reduziria a entrada de capital de curto prazo (especulativo) no país. Esse movimento fortaleceria o dólar frente ao real e, consequentemente, impediria uma deterioração rápida do balanço de pagamentos brasileiro. Somente no acumulado de janeiro a maio deste ano, o déficit em transações correntes atingiu a

marca de US\$ 14,717 bilhões. No mesmo período de 2007, o país registrou um superávit de US\$ 1,897 bilhão.

Mas isso não é tudo. Uma política monetária mais restritiva desaceleraria ainda mais a economia global, o que diminuiria a pressão das commodities na inflação. "Com a alta de juros, a economia mundial cresce um pouco menos reduzindo os preços das commodities e a pressão da inflação, o que também fortalece o dólar", explicou o economista-chefe da Sulamérica Investimento, Newton Rosa.

Fundo Soberano

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, disse ontem aos parlamentares da base aliada que irá encaminhar hoje à Câmara o projeto de lei para criação do Fundo Soberano do Brasil (FSB). Ainda hoje o ministro participa de audiência pública na Comissão de Finanças e Tributação para explicar a proposta. O fundo será constituído com recursos oriundos do aumento de 0,5 ponto percentual — de 3,8% para 4,3% do PIB — do superávit primário (economia que o governo faz para pagamento de juros).